

EP 14 – MÁRCIA TIBURI

Eu penso em termos dos livros que fizeram muita diferença na minha vida e, na medida em que eu cheguei até eles, eu sofri profundas transformações. Então há vários, mas um dos últimos, foi um livro que se chama “Crítica da Razão Negra”, de um pensador africano chamado Achille Mbembe. Ele é um dos intelectuais mais importantes no contexto da discussão pós-colonial hoje.

Nesse livro, ele faz uma crítica ao signo negro, discute como esse signo foi fundado e qual é o uso que o capitalismo e liberalismo fizeram desse signo, um signo usado para marcar pessoas. Ao discutir essa questão desse signo, e da invenção desse signo no contexto de um tipo de produtividade que é a produtividade do território, da lavoura de cana-de-açúcar, por exemplo.

Ao discutir isso, ele consegue desnaturalizar o patamar racista no qual a sociedade capitalista está inserida. Então ele trabalha o racismo como uma questão do capitalismo, como uma invenção do capitalismo, e mostra o casamento entre capitalismo e racismo, e também o inevitável arranjo que envolve as classes sociais.

Esse livro foi muito importante para mim como professora de filosofia, que sempre me ocupei de estudar raça. Ainda que eu esteja, por uma questão de cor de pele, colocada dentro do privilégio branco, ao meu ver uma das coisas mais importantes na nossa cultura política e na nossa sociedade, é que a gente consiga desmontar esse lugar da oposição entre branquitude e negritude, mas não por uma ocultação da desigualdade gerada a partir desses signos, mas sim por uma declaração, por uma apresentação da produção da verdade que aconteceu por nome da branquitude e da negritude.

Então, assim como hoje a gente aprendeu, por exemplo, a falar trans e falar cis – quando eu falo trans, eu falo daquela pessoa que saiu do seu lugar de gênero e foi ao outro lugar de outro gênero, a gente aprendeu a também a falar cis, que são essas pessoas que se mantiveram dentro do lugar de gênero no qual elas já tinham sido desenhadas, digamos pela cultura e pela tradição.

Então esse livro foi um livro super importante, acho que ele não foi publicado em nenhuma editora brasileira ainda. Eu sei que tinha um para vender na Livraria Cultura, eu comprei fora do Brasil, mas eu vi que tinha uma edição portuguesa transitando na Livraria Cultura.

Acho que é um livro que todo mundo deveria ler, todo mundo que é brasileiro, mesmo quem está do lado do privilégio branco. Se não gostar desse privilégio, ou se achar que em termos sociais esse privilégio não faz sentido – o que eu acho que é um pensamento absolutamente razoável, é bom ajudar a desmontar esse preconceito, essa marcação, esse signo que produz preconceitos, produz desigualdade, produz maldade e que, segundo as palavras do Mbembe: nos inscreve a todos em um grande delírio, por que o racismo é um grande delírio, um delírio do homem branco, europeu, capitalista, que serve apenas à manutenção das coisas como elas estão, desfavorecendo a maior parte da população brasileira, que é uma população marcada

pela colonização africana, pela presença do mundo africano em nós e a gente deveria reconhecer isso de uma outra maneira e talvez assim, reverter, mudar, redirecionar o nosso futuro.